

EXPERIÊNCIAS INTER-SUBJECTIVAS NA COMUNIDADE MALEMA/MURRALELO – MOÇAMBIQUE

Laís Santos de Souza¹

Resumo

O artigo visa analisar e descrever a organização social das famílias da Comunidade de Murralelo situadas no Distrito de Malema, norte de Moçambique AF. O principal objetivo deste artigo é demonstrar a relevância do papel das mulheres na organização das famílias envolvidas com a cadeia produtiva das práticas agrícolas desenvolvidas na localidade de Muralelo.

Palavras-chave: Cultura Makhuwa. Gênero. Organização familiar. Campesinato.

Recebido em 20 de outubro de 2020 e aprovado para publicação em 12 de dezembro de 2020

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – CAHL/UFRB.
Correio eletrônico: Laiskinte@gmail.com.

Introdução

Começo o presente artigo com o conceito de “inter-subjectivação” desenvolvido por in Filosofia Africana: em busca da intersubjectivação². Embora o conceito tenha sido apresentado para referenciar o tema “Saberes Locais e Educação” em uma alusão ao paradigma da interação indicada na relação do local com o nacional e com o global. Ou seja, a interpretação da interação intersubjetiva da Tradição “com” a Modernidade facilita o entendimento da lógica do paradigma sempre imbricado na relação “com o outro” e não mais entre “nós e o outro”. O mesmo se aplica tanto na primeira quanto na segunda parte deste artigo. A primeira parte diz respeito ao propósito do objetivo principal deste artigo que é analisar e descrever a organização social das famílias da Comunidade de Murralelo, agrupamento étnico da “cultura Makhuwa”, situada no Distrito de Malema, norte de Nampula, Moçambique. A segunda parte apresenta elementos da minha auto reflexão sobre o “intercâmbio” entre Brasil e Moçambique, quanto também no que diz respeito ao aporte metodológico implícito no conceito da “intersubjetividade” que norteia a análise e a escrita do corrente texto em questão.

Com isso este artigo visa analisar e descrever a organização social das famílias da Comunidade de Murralelo situadas no Distrito de Malema, norte de Moçambique AF. Antes de adentrar na descrição e análise da interação do local com o nacional e com o “global”, é importante destacar que o principal objetivo deste artigo é demonstrar a relevância do papel das mulheres na organização das famílias envolvidas com a cadeia produtiva das práticas agrícolas desenvolvidas na localidade de Murralelo. A descrição da minha reflexão narrativa neste artigo se divide em duas partes. Por isso, nesta primeira parte, descrevo a relação imbricada do conceito da intersubjetividade (idem, 2010) com a minha trajetória acadêmica. Isso é o alcance das minhas experiências, no período de 2018 a 2019, enquanto estudante do quarto semestre do curso de História do Centro de Artes, Humanidades e Letras CAHL-UFRB, com a realização da minha experiência de intercâmbio no curso de História na Universidade Pedagógica de Nampula, norte de Moçambique AF. Nesse aspecto o objetivo de descrever um pouco da minha trajetória de intercambista consiste em apresentar algumas das “inquietações emocionais e intelectuais” que foram provocadas pela condição de estudante em situação de “intercâmbio” com financiamento para ampliar a formação na iniciação científica.

² CASTIANO, José. **Filosofia africana: em busca da intersubjectivação**. Maputo: Ndjira Ndiira, 2010.

I – A conquista do intercâmbio

Há dois anos vivenciei a experiência do curso de intercâmbio de graduação em História na Universidade de Nampula, em Moçambique, AF. Em 2018, eu cursava o quarto semestre do curso de História no Centro de Artes, Humanidades e Letras -CAHL/UFRB e alguns estudantes comentavam sobre a abertura do processo de seleção de bolsas da CAPES do Projeto “Arquivo: Brasil Moçambique” - Plataforma Abdias Nascimento coordenado pelo Historiador e Professor Antônio Liberac Cardoso Simões Pires. De posse do Edital de seleção, eu percebi que estava apta para concorrer a uma das vagas visto que o processo seletivo era voltado para graduandos, a partir do quarto semestre em História. O resultado foi divulgado em março de 2018 e eu estava entre as três aprovadas para estudar durante um ano, 2019, na Universidade Pedagógica de Nampula- Moçambique AF, com o financiamento da bolsa da CAPES. A iniciativa de me inscrever nesse processo se deu, inicialmente, em função do nome de Abdias Nascimento, vinculado à Plataforma CAPES. Pois percebi que o ativismo da luta política dele por ampliação dos nossos direitos, do povo afrodescendente brasileiro, ainda vigorava e eu não poderia deixar passar esta oportunidade de conhecer mais de perto um país africano, especialmente Moçambique. Por isso externalizei o meu desejo e interesse que decorria da minha inclinação espontânea em assuntos afrocentrados e com temas que abordam gênero e família contemporânea de Moçambique. Não foi fácil, eu sabia que ao ser contemplada com a bolsa sanduíche do Projeto “Arquivo Brasil Moçambique” da Plataforma Abdias Nascimento – CAPES a minha responsabilidade aumentava, pois o Projeto exigia compromisso e dedicação com as disciplinas do curso em História na Universidade Pedagógica de Nampula, além do envolvimento com as atividades da iniciação na pesquisa científica.

Assim, em fevereiro de 2019, com o subsídio da referida bolsa e consciente das responsabilidades, desembarquei na Província de Nampula, norte de Moçambique, tanto para atender aos objetivos do Projeto em questão, quanto para ouvir as expectativas que eu havia imaginado vivenciar com a conquista da condição de bolsista e intercambista em Moçambique, AF. Na minha estada de estudos na Universidade Pedagógica de Nampula eu pude contar com a valiosa orientação e supervisão do Historiador Jorge Muchacona, professor da mesma Universidade, atualmente denominada por Universidade Rovuma³, nome do rio da África Ocidental que faz fronteira entre Moçambique e a Tanzânia. Nessa instituição cursei as seguintes disciplinas: Antropologia Cultural de Moçambique; História da

³ O rio Rovuma nasce próximo do Lago Nissa e desagua no Oceano Índico, perto de Cabo Delgado e dá origem a uma das principais bacias hidrográficas do território moçambicano.

África do século XVI–XVIII; História de Moçambique do século XVI–XVIII e História de Moçambique do século XIX–XX. Os conhecimentos adquiridos com essas disciplinas possibilitaram não apenas um melhor entendimento teórico e metodológico sobre os processos históricos da formação do país, da sua diversidade, como também do entendimento do *tempo antropológico* para a aprendizagem da “*Cultura Makhuwa*” advertidas nas referências bibliográficas contidas nas disciplinas. Lá pude compreender os processos da descolonização e das escolas antropológicas que procuraram se distanciar do “colonialismo intelectual”. Isso é o alargamento da compreensão da relação entre História e Antropologia debatidas em ambas as disciplinas, acima citadas, no sentido de que “não há antropologia sem história, assim como não há História sem Antropologia”. Com essa perspectiva dialógica, dos processos da “interação” entre a academia e os espaços externos eu seguia então, as indicações do conceito da “intersubjetividade” tanto para realizar a iniciação da pesquisa científica de digitalização das Fontes históricas; especialmente dos jornais e atualização das fontes bibliográficas relativas aos processos históricos das principais regiões do país. Nessa linha foi possível dar continuidade ao trabalho de digitalização dos jornais no Centro de Língua Portuguesa, para a construção do Acervo Digital Local. Esse trabalho havia sido iniciado pela primeira equipe de três bolsistas que me antecederam, sendo um doutorando e duas graduandas. A segunda equipe da qual eu fiz parte era composta por três intercambistas graduandas, também vinculadas ao curso de História da UFRB/UP.

II- O celeiro agrícola

Nesta perspectiva, a segunda parte deste artigo retoma o conceito inicial de “interação intersubjetiva” para descrever abordagem analítica da organização social das famílias que compõem o grupo étnico Makhuwa constitutivas da Comunidade de Murralelo, norte de Nampula Moçambique. Conforme dito anteriormente o objetivo desta descrição analítica é demonstrar a importância do papel das mulheres na organização social do grupo, na divisão do trabalho interconectadas com as principais culturas agrícolas e seus respectivos rendimentos econômico e cultural do cotidiano da comunidade.

No que se refere as fontes, cabe destacar que o jornal é uma importante fonte de pesquisa hábil, formador de significados e opiniões, permitindo também um recorte temporal, “É também uma fonte primária de informações, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar na vida social e profissional”⁴. O

⁴ FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como Usar o Jornal na Sala de Aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1995. p. 11.

levantamento dos jornais, das fontes históricas, fatos políticos, sociais, econômicos e culturais relacionadas à questão de terra e da organização das famílias rurais locais contribuiu para o direcionamento da observação e da análise dos dados relacionados a organização social das famílias, dos dados relativos a terra, e da organização dos grupos familiares.

As sistematizações dos fatos históricos contidos nestes jornais possibilitaram realizar não apenas o recorte temporal dos fatos políticos, sociais e culturais, mas também daqueles relativos ao uso coletivo das terras públicas de Moçambique AF, ou seja, da Organização Social dos grupos familiares distribuídos nos territórios rurais da Província de Nampula/Moçambique AF. O “Jornal Diário de Moçambique e Notícias” evidenciava a importância da Agricultura Familiar desenvolvida por grupos de famílias de linhagens étnicas historicamente organizadas nas terras coletivas dos distritos da Província de Nampula/Moçambique AF.

A observação dos dados, relativos às diversas formas de Organização social das famílias com suas respectivas linhagens étnicas, descritos no período de 2014 a 2017, dos jornais “Diário de Moçambique e Notícias” despertou a minha atenção para este objeto da minha iniciação científica provocada pelo intercâmbio naquele país. Centrada neste recorte das notícias sobre a Agricultura Familiar veiculada por esses Jornais que se tornaram as principais fontes impressas da minha pesquisa foi então necessário redefinir o objeto no sentido de perceber e estabelecer contatos com um dos grupos étnicos ali descritos e realizar o cruzamento das fontes impressas, orais e iconográficas. Esse procedimento metodológico seria possível apenas por meio da retomada da metodologia etnográfica da observação participante conforme citado em uma das aulas das disciplinas de Antropologia da Cultura de Moçambique, “Os primórdios da observação participante remontam à dificuldade do seu criador, Malinowski, no rompimento da considerável barreira comunicativa que, costumeiramente fixada entre observador e observado...”⁵.

A partir disso e da relação dialógica com o Professor Nercio Janeiro, com colegas de sala de aula e vizinhos eu pude então estabelecer o cruzamento das informações e direcionei a pesquisa para o Distrito de Malema, localizada a 250km da Província de Nampula, cabe assinalar que esse Distrito não teve grandes destaques nos jornais, pois grande parte dos Distritos em destaques eram os que desenvolviam a manocultura, por isso os jornais realçavam o Distrito de Manica que desenvolve o cultivo do milho em regime de sequeiros; o Distrito de Angoche produtor e exportador de Castanha de Caju e o Distrito de Barauê, um dos maiores produtores de soja da região norte. O fato é que o Distrito de Malema possui uma produção agrícola diversificada, caracterizada por ter uma produção de pluricultura

⁵ DURHAM, Eunice Ribeiro. **A reconstituição da realidade**. São Paulo: Ática, 1978. p. 47.

que reduz a vulnerabilidade dos produtos e assegura a renovação da fertilidade dos solos. Fui impulsionada pela premissa de que talvez, o Distrito de Malema não era destaque nos jornais por ser um distrito de produção pluricultural. Isso contribuiu para uma melhor compreensão da relevância desse objeto de pesquisa científica.

Esse redirecionamento da pesquisa me conduziu para a iniciação no trabalho etnográfico, a visita de campo às famílias residentes da zona rural do Distrito de Malema, considerada celeiro agrícola devido ao protagonismo da sua cadeia produtiva e de sua forma de escoamento dos produtos daquele distrito.

A economia agrária de Moçambique é sustentada pelo setor de produção familiar com uso da mão de obra feminina, de acordo com Zimba: “a mão de obra feminina, terminologia que significa que no período entre 1720 e 1830, as mulheres africanas realizavam todo o trabalho agrícola e eram a contribuição mais importante que essas mulheres faziam para a economia doméstica”⁶.

Conforme dito anteriormente o redirecionamento da pesquisa me conduziu ao trabalho de campo, por isso em meados de julho de 2019 realizei a primeira das várias visitas a campo na comunidade de Murralelo, situada na área rural do Distrito de Malema. Na comunidade tive a oportunidade de conhecer o Régulo⁷ da localidade, chefe do grupo étnico, nessa entrevista pude compreender sobre a composição da comunidade e conflitos de terras. Essa comunidade é constituída pelo povo Makua do grupo da língua Banto, esse grupo constitui o maior grupo étnico de Moçambique e nele encontra-se um conjunto de vários subgrupos espalhados por toda região norte de Moçambique. Segundo Narciso (2013): “Os Makus são de linhagem matrilinear onde normalmente distinguem dois tipos básicos de filiação: a cognática e a unilinear. Nesta, os indivíduos são relacionados através de uma mulher ou de uma linha feminina, fala-se descendência ou filiação matrilinear”⁸.

O distrito de Malema, está localizada no extremo ocidental da província de Nampula, a cerca de 250 km dessa cidade, região norte de Moçambique, fazendo limites com a províncias do Niassa, da Zambézia e do Rio Lurio. Ocupa uma área de 6.386 km e sua população está estimada em 223.791 habitantes⁹. Seu clima é tropical húmido com duas estações: fresca e seca, de abril a outubro: de quente a chuvosa, de novembro a março.

⁶ ZIMBA, Benigna. Mulheres invisíveis: **O gênero e as políticas comerciais no sul de Moçambique, 1720-1830**. Maputo: Prómedia, 2003. p. 47.

⁷ Designação dada na historiografia e administração colonial portuguesa aos chefes dos grupos étnicos africanos.

⁸ NARCISO, Vanda Margarida de Jesus. **Mulheres e terra: faz a matrilinearidade diferença? Uma leitura da situação do Distrito de Bobonaro em Timor-Leste**. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Estudos sobre as mulheres na sociedade e na cultura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2013. p. 7.

⁹ Instituto Nacional de Estatística de Moçambique – Censo, 2017. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz> > distrito-de-malema. Acesso em: mar. 2021.

Conforme um ponto de vista mais geral “a maior parte da população moçambicana pertence ao setor agrícola, que emergiu entre o período de 1885 e 1930”¹⁰. Em outras palavras é através da terra que se pode alcançar uma segurança alimentar, uma habitação e uma melhor qualidade dos produtos, uma competição mais equilibrada e justa entre os mercados e conseqüentemente maior qualidade de vida sustentável. Por isso o Distrito de Malema, especificamente a comunidade de Murralelo é considerada um celeiro agrícola. A atividade agrícola praticada nessa localidade é exercida por meio do consórcio de culturas ou consorciação de culturas praticadas em pequenas extensões de terras denominadas por condições de sequeiros onde quase todos os agregados familiares¹¹ participam. Agregados são pessoas que comungam a mesma habitação por possuir algum grau de parentesco por consanguinidade, por isso participam do processo da produção das respectivas roças ou machambas. No entanto o foco concentra-se nas mulheres por serem elas as grandes responsáveis pelas produções em suas machambas familiares¹². No que se refere a produção do cultivo agrícola as principais culturas do setor são: As milho, mapira, mandioca, feijão-manteira, batata reno, cebola e caju.

Algumas famílias empregam métodos tradicionais de fertilização dos solos como o pousio das terras, a incorporação no solo de restos de plantas, estrumes ou cinzas. Para além das questões climáticas, os principais constrangimentos à produção são as pragas, a seca, falta de sementes e pesticidas.

É dominado pelo sistema de produção de milho, associado à produção de feijão, batata remo, sendo qualquer uma delas importante, não só para segurança alimentar, mas com forma de rendimento.

É perceptível o papel da mulher como dinamizadora da atividade agrícola, sendo também a gestora, em maior parte das sociedades, das atividades que se desenvolve na terra. “...Nas sociedades tradicionais africanas, comida sempre significou um grande recurso social”¹³. É pertinente destacar a importância da agricultura feminina, pois é a produção de comida que faz a manutenção da sociedade, ou seja, gera impacto aos níveis domésticos e regional. As mulheres realizam ou estão sempre a frente de todo trabalho agrícola, mas utilizam instrumentos muitas vezes fabricados por homens, tais como enxada para cavar a terra e o machado para o corte da madeira. Portanto devemos compreender a família rural como unidade social e unidade de produção.

¹⁰ HEDGE, David. **História de Moçambique: No auge do colonialismo, 1930-1961**. Maputo: Universidade Eduardo Mandlame, 1993. p. 3.

¹¹ Refiro-me as pessoas que vivem em comunhão da mesma habitação e com alguma relação de parentesco.

¹² Terreno agrícola para produção familiar; terreno de cultivo.

¹³ Keletso Atkins. **The Moon Is Dead! Give Us Our money!** The Cultural Origins of African Ethic, Natal, South Africa, 1843-1900. Portsmouth, N. H.: Heinemann, 1993. p. 43.

Através da relação dialógica afirmou-se o pouco envolvimento das mulheres na relação entre a produção e o processo de venda, de modo geral o homem ficava responsável em negociar ou vender os produtos produzidos nas machambas pela família, pois acreditam que as mulheres não são boas negociantes. Apesar disso pude presenciar muitas mulheres nas linhas ferroviárias afim de vender parte da sua produtividade.

Considerações finais

Esse artigo propôs, destacar a minha experiência de intercâmbio entre Brasil e Moçambique, enquanto graduanda e no que diz respeito ao aporte metodológico implícito no conceito da “intersubjetividade” que norteia a análise da organização social do agrupamento étnico Makhuwa na comunidade agrícola de Murralelo.

No que se refere à caracterização da organização familiar do grupo étnico Makhuwa vale destacar que a terra é fundamental para a reprodução física e cultural do modo de vida tradicional, mantendo também o uma relação estreita e de respeito com as mulheres e seus familiares.

Para que o trabalho não se limitasse a teorias, este artigo buscou trazer com um olhar descolonizado, o comportamento das relações individuais de uma estrutura social que retifica o pensamento colonizador, pois papel da mulher diante do ordenamento comunitário em parceria com os agregados familiares, traz o maior rendimento da economia doméstica.